



# AMÉRICA LATINA: LITERATURA EM CRÍTICA

Maria Eunice Moreira  
Regina Kohlrausch  
Organizadoras



## **AMÉRICA LATINA EM QUESTÃO: CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIAS**

Abordando o tema da historiografia literária latino-americana do século XX, em uma conferência pronunciada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, por ocasião da abertura do XII Seminário Internacional de História da Literatura, no já distante ano 2017, a conhecida estudiosa Ana Pizarro abriu seu pronunciamento afirmando que a América Latina entrou tardiamente no século XX e com um *corpus* literário específico no que se refere à estrutura dos modelos culturais europeus. Esse fenômeno, segundo a crítica chilena, é próprio dos territórios que experimentaram processos de colonização e se constituíram, portanto, como culturas periféricas. Pizarro esclarece que as transformações que se processam no imaginário de um povo não têm a ver com cronologias, mas com mudanças nas textualidades e nas expressões das manifestações culturais. O *corpus* literário latino-americano começa se a formar no momento da conquista, a partir do contato entre duas visões de mundo, em função da história colonial. No início, esse *corpus* é constituído por um sistema literário erudito, como consequência da tradição e herança da cultura de imposição; há outro *corpus*, porém, próprio da cultura preexistente e de processos históricos que incluem, entre outros elementos, uma diversidade de línguas nativas.

Com essa primeira reflexão, fica evidente que a América Latina deve ser entendida como um território peculiar e que suas formas de expressão cultural são muito particulares, razão por que estudiosos e críticos, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, procuram entender as tensões que ocorreram entre dois sistemas ou duas visões, pelo menos: a dos originários e daqueles que chegaram à América e impuseram seus valores culturais desconsiderando valores e cultura já existentes. Há uma motivação para essa nova agenda crítica: no campo político, especialmente nos Estados Unidos, desencadeou-se a luta pelos direitos civis; na África, ocorreu a luta pela descolonização; na América Latina, impulsionaram-se os movimentos sociais e manifestações em defesa da democracia como reação às ditaduras militares instituídas. Especialmente a Revolução Cubana exigiu revisões e reconsiderações, tendo em vista o impacto que provocou no quadro político e cultural das Américas. Esse período político marcou o universo intelectual, o que provocou uma "busca da identidade", tarefa com a qual se comprometeram escritores, artistas, intelectuais. Embora tenha sido uma busca ingênua, como diz Ana Pizarro, por acreditar que aquilo pelo qual clamavam estava ali – e para sempre – e bastava encontrá-lo, o caminho mostrou que era necessário pensar mais nas diferenças do que propriamente na identidade como unidade.

Se do plano teórico passarmos para o terreno prático, é possível observar que a história da literatura latino-americana foi sacudida por novos ventos, nos últimos anos, do que resultaram reavaliações dos processos literários e culturais que ocorreram no território, desde a época da invasão, passando por momentos significativos dessa história, especialmente nos diferentes episódios independentistas, vividos pelas diferentes nações latino-americanas. Nesse caso, as histórias da literatura latino-americana que se conformaram após o período colonial, como avalia Hugo Achugar, assentaram-se sob o signo do nacional, em que a Independência constitui uma matriz discursivo-simbólica que determina as regras de produção do novo imaginário. Vigente durante o século XIX e boa parte do século

XX, essas histórias perderam sua validade, ao desconsiderar a heterogeneidade, a transnacionalidade dos espaços culturais narrados. Uma breve mirada sobre os relatos historiográficos confirma a direção que vêm tomando esses novos ventos, considerando duas propostas historiográficas: a história da literatura assinada por Ana Pizarro que propõe uma outra historiografia centralizada pela ideia de área cultural; e a de Mario Valdés e Djelal Kadir que a desenvolvem em torno do conceito de formação cultural. Tratam-se de projetos que olham diferentemente para o campo historiográfico, abrindo suas páginas para a incluir a produção de grupos periféricos, para inserir a cartografia de zonas subalternas, para buscar a história de tempos heterogêneos, porque amplo e singular é o espaço cultural da América Latina.

Formada por grandes arquipélagos culturais como a Amazônia, por exemplo, espaço que vem merecendo a atenção de Ana Pizarro ou, em outra ponta, o Pampa argentino, uruguaio e brasileiro – a América Latina comporta ilhas de cultura, compondo um arquipélago cultural que, de certa forma, foi reconhecido pelo brasileiro Viana Moog, em um pequeno livro escrito em 1943, intitulado *Uma interpretação da literatura brasileira* – um arquipélago cultural, resultado de conferência pronunciada na Casa do Estudante do Brasil, um ano antes. A ideia dessa pluralidade ou desses arquipélagos encontrou guarida, mais tarde, no pensamento do israelense Itamar Even-Zohar, através do conceito de polissistema literário. Na concepção desse teórico, o polissistema é um sistema múltiplice, um sistema de sistemas, uma rede de redes, “con intersecciones y superposiciones mutuas, que usa diferentes opciones concurrentes, pero que funciona como un único todo estructurado, cuyos miembros son interdependientes.” (EVEN ZOHAR, 2007-2011:3). Anos antes, aliás, Antonio Cornejo Polar já havia entendido o sistema literário latino-americano como “um conjunto genuíno de sistemas literários” (CORNEJO POLAR, 1989:20), considerando que o processo cultural, na América Latina, configura-se como um conjunto de sistemas e subsistemas que se caracterizam por relações contrastantes e diversas.

Nessa perspectiva, o campo da história da literatura tem-se mostrado como um espaço fértil para a proposta de novas teorias, para a discussão dos apagamentos e silenciamentos a que vozes diversas foram submetidas, para a abertura a outras discussões teóricas que colaboram para expandir o domínio dos estudos literários, resultantes de eventos e pesquisas que se desenvolvem em variados espaços da América do Sul. Esse é, pois, o lugar de onde provêm os artigos da publicação *América Latina: Literatura em crítica*<sup>1</sup>: os quais, em sua maioria, foram apresentados em eventos promovidos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), especialmente, no Seminário Internacional de História da Literatura, atividade que o PPGL promove, nos anos ímpares, desde 1995. A esse dado acrescenta-se outro, significativo: os capítulos ali reunidos foram produzidos por pesquisadores de diferentes universidades, localizadas em diversos centros de ensino da América Latina e expressam heterogeneidade temática, teórica e conceitual, signo sobre o qual se apoia o pensamento e a produção latino-americanas. Dessa geografia, portanto, em que cada um/a fala de seu lugar de origem, decorre um desenho teórico ou analítico que oportuniza o mapeamento dos centros de pesquisa e estudo sobre o campo da história da literatura, na nossa contemporaneidade.

---

<sup>1</sup> Acesso livre em [www.casaletras.com/america-latina-literatura-em-critica](http://www.casaletras.com/america-latina-literatura-em-critica)

A ordem da apresentação dos textos segue na versão e-book e impressa, a alfabética, cabendo, no entanto, ao leitor, se assim desejar, estabelecer, através da leitura, as possíveis relações que os artigos deixam entrever.

Aimée G. Bolaños, que escreve "Especulações borgeanas: o autor no espelho da autopoética", toma por referência o escritor argentino e discute a especulação autopoética na sua obra, com ênfase na especularidade, trazendo um contributo inovador aos estudos literários. O autor de *Ficções* revela, através de sua criativa escrita, entendimentos teóricos e críticos, assim avaliados pelas palavras da autora do artigo: "Neste universo a reflexão sobre a escritura e o ato cognitivo que a torna possível, sobre a ficção e o mundo da vida, a autopoética de Borges, nunca justificativa, muito menos instrução de leitura, integra um pensamento especular, tanto no sentido da conjectura como de um eu, sujeito autor explícito, que se olha no espelho de sua ficção, tramando-se no texto. Assim, esta autoficção de artista pensa e dá corpo a uma autopoética em um universo simbólico que exhibe sua literalidade ao desenvolver possibilidades de conhecimento e autoconhecimento, de busca e revelações parciais. Borges transita, pois, de para a poética, criar um espaço reflexivo de beleza estética na sua densidade autorreflexiva como autor de universos e de si mesmo", explicita Aimée Bolaños.

No texto, intitulado "Possibilidades para a escrita do feminino na América Latina", Amanda da Silva Oliveira toma como *corpus* de análise um conjunto de mulheres, criadas ficcionalmente, mas que tiveram seu papel histórico registrado pela autoria feminina, como Juana de Castilla, Teresa Cabarrús, Malinalli, Xica da Silva, Dora Maar, Lupe Marín, Patria, Minerva e María Teresa Mirabal, e Eufrásia Leite, personagens que ocuparam as páginas de romances escritos em língua portuguesa e espanhola, nos últimos anos, destacando a construção desses "sujeitos-mulher". Empoderadas, elas questionaram seus lugares na narrativa histórica feita por homens, o que possibilita pensar o discurso feminino latino-americano.

Claudia Lorena Fonseca, em "Intertexto e *Latinoamerica*: Metz, Borges, Huidobro e estilhaços mais", dá prosseguimento ao debate na América Latina, iniciando seu texto com a questão proposta por Marcela Croce, autora também presente no livro, sobre o conceito de Latino América. A partir da provocação feita pela estudiosa argentina, Fonseca expande o tema para abordar o "regional". Trata-se não apenas de discutir o que a esfera do regional carrega de vinculação a um determinado espaço – a região – mas de ampliar a leitura e, como diz a autora "de se repensar aquilo que nos define ou traduz, deveras, em meio à heterogeneidade que nos caracteriza". Com base nos pressupostos dos Estudos de Intertextualidade, uma das características mais marcantes da produção regionalista, vale-se também das reflexões de autores-críticos, em especial os latino-americanos que se ocuparam do tema da regionalidade. Nesse percurso teórico, que inclui uma gama de pensadores e teóricos latino-americanos (e outros), a pesquisadora brasileira conclui pela necessidade de revisão crítica do regionalismo, "tendo em vista suas formas de atualização, já que sua permanência, em especial na América Latina, está diretamente relacionada à sua necessária mimetização".

Em "Translinguismos e comunidade literária hispano-americana: tensões do cânone", Elena Palmero González estuda uma produção literária muito singular no âmbito do que tradicionalmente chamamos de comunidade literária hispano-americana, tratando da "obra de escritores que chegaram muito jovens à terra de adoção de seus pais ou que nasceram em terras norte-americanas, receberam uma

educação formal em inglês ou francês, porém, foram educados em lares hispânicos e em contato permanente com uma comunidade latino-americana, resultando em sujeitos que se reconhecem biculturais, bilíngues, às vezes trilingües, e que cultivam essa condição anfíbia como uma das muitas formas de ser da cultura latino-americana". Nesse elenco, encontram-se, entre outros, Gustavo Pérez Firmat, Achy Obejas, Cristina García, Ana Menéndez, Judith Ortiz Cofer, Esmeralda Santiago, Julia Alvarez, Junot Díaz, Elizabeth Azevedo, Daniel Alarcón, Alejandro Saraiva o Mauricio Segura. Valendo-se do conceito de translinguismo, a autora observa que as relações que se estabelecem, na obra desses escritores e dessas escritoras, a partir dos movimentos diaspóricos, provocam contatos entre culturas diferenciadas, estimulando novas reflexões para a história da literatura e para o conceito de cânone literário.

O texto de Laura Utrera incide sobre o escritor uruguaio Horacio Quiroga, para revelar outra face desse múltiplo criador: sua paixão pelo cinema e sua proposta de leitura da narrativa fílmica. Em "Algunos efectos del cine en Horacio Quiroga. El espectador", a autora chama a atenção para o olhar desse espectador privilegiado que, ao mesmo tempo, que "vê" a película cinematográfica, é capaz de sobre ela teorizar. Quiroga reflete sobre o espectador como uma categoria política e estética, escrevendo notas fundamentais sobre a relação dessa instância narrativa com o cinema, do que resulta uma contribuição original para a construção de uma história fílmica da literatura, se é que assim se pode chamar. A partir da leitura das notas de Quiroga e do texto de Utrera, criam-se possibilidades para invenção de outras histórias (literárias).

Lilium Ramos contribui para a ampliação das reflexões sobre a história da literatura contemporânea em "Categoria da amefricanidade como aporte metodológico para análise das literaturas de autoria negra na América Latina". A autora toma como ponto de partida o conceito de amefricanidade, cunhado pela intelectual brasileira Lélia Gonzales, como aporte metodológico para análise da autoria da mulher negra na (e da) América Latina, para reclamar a inclusão imediata de autoras negras nos currículos acadêmicos de Letras. Na análise efetuada, como base de seu artigo, Lilium Ramos evidencia que a história da literatura desconsidera esse grupo de escritoras e silencia sobre sua contribuição para a história literária e cultural brasileira.

"La crítica como género literario: circulación y adopciones entre Brasil y América Latina", texto escrito por Marcela Croce, adentra a um território pouco frequentado pelos estudos literários, qual seja, o da crítica literária, valendo-se do pensamento crítico de Roberto Schwarz e de Antonio Candido para desenvolver sua reflexão. Em seu texto, Croce considera a crítica como categoria literária independente e detém-se em alguns aspectos da crítica brasileira, com vistas a estabelecer, através de um exercício de metacrítica, um campo de integração do Brasil na América Latina. Analisando dois autores fundamentais, Candido e Schwarz, a autora anota que, enquanto Candido "se recorta sobre la literatura e insiste en diseñar un sistema literario cuando traza la continuidad con variaciones obligadas que conduce del Brasil de los 20 al de los 60, Schwarz se concentra en los 60 como *tranche de vie* que condensa el modo de inserción global de Brasil." A tese é original, pois propõe também o afastamento da noção de influência (categoria colonial), concedendo à crítica um caráter independente e autonomizador na interpretação dos processos culturais latino-americanos.

No texto, "Antonio Candido, leitor de literatura hispano-americana", de autoria de Pablo Rocca, volta a enfocar a obra de Antonio Candido, um dos maiores nomes da crítica literária brasileira, para destacar sua relação com a crítica produzida no Uruguai e na Argentina. O autor de *Formação da literatura brasileira* voltou-se à produção dos países de cultura hispânica, em fase posterior, se compararmos com a atenção que dedicou aos estudos sobre a literatura brasileira, quando publicou "Um pouco de história", na revista *Ariel*, em 1934. É preciso esperar mais tempo para que Candido manifeste seu interesse pela América Latina e isso ocorrerá ao final dos anos 60, em função da Revolução Cubana, de 1959 e, mais tarde ainda, quando se aproximou do crítico uruguaio Angel Rama, em um congresso na Europa, em 1965, amizade que será produtiva para o campo da crítica entre os países de tradição lusitana e espanhola. Nesse artigo, Pablo Rocca destaca que a perspectiva crítica de Candido, "forjada sobre as duas faces, estética e política, da literatura brasileira do arcadismo e romantismo, poderia estender-se à Hispano-América". Como salienta Pablo Rocca, essa seria uma chave adequada para aplicar à literatura produzida por seus "hermanos" da América Latina.

"Escritura femenina del siglo XIX. Ruptura del canon masculino", de Sara Beatriz Guardia, investe sobre a escrita das mulheres, agora tomando por referência um espaço particular, o Peru. Para desenvolver seu estudo, foca duas escritoras peruanas Mercedes Cabello de Carbonera (Perú (1842-1909) e Clorinda Matto de Turner (Perú 1852-1909), mas vai além: no texto, ao mostrar o sistema literário em formação, cita revistas, jornais e livros que impulsionaram o mundo cultural do século XIX. Excluídas e marginalizadas do sistema de poder, essas escritoras visibilizaram a vida das mulheres, divulgando as desigualdades e a violência que sofreram, mas também seu papel crítico na construção da sociedade.

No ensaio antológico, intitulado "El rol de las historias literarias en los proyectos de modernización latinoamericana", Zulma Palermo propõe refletir sobre a función de las histórias da literatura na construção dos imaginários particulares da América Latina. Essas reflexões dão prosseguimento a um pensamento que analisa criticamente o projeto de modernidade no espaço americano, cuja obra, segundo ela, é inseparável da construção da colonialidade. Descolonizar a história da literatura é função que compete aos estudos literários e descolonizar significa "desarticular a homogeneidade que arrasa com as diferenças" visando recuperar a totalidade, sem impor verdades, mas proporcionar abrir espaços interpretativos pluritópicos. Esse é o papel da literatura e, mais do que isso, esse é o papel político da literatura<sup>2</sup>.

Finalizando a obra, incluímos a reflexão de Ana Pizarro sobre um espaço geográfico que lhe é caro e que vem sendo objeto de seus estudos últimos anos: "Amazonía: historia y pluralidade". Trata-se de um texto em que a estudiosa chilena, conhecida pela organização de três volumes intitulados *América Latina: palabra, literatura e cultura*, recai especialmente sobre a Amazônia para refletir sobre essa complexa região, selvagem e poderosa, orientada pelo ciclo dos fenômenos naturais, mas também para pensar sobre sua geografia humana. Para Pizarro, a Pan-Amazônia, como ela entende, expressa não só "una geografía estructurada por los grandes paisajes y con una historia de ciclos naturales, [mas] es también una

---

<sup>2</sup> Esta conferencia retoma y amplía el ensayo "El mito de la modernidad desde las perspectivas críticas de América Latina" incluido en Mildonian y D'Anglo (Comp.), Comparaciones en vertical. Conflictos mitológicos en las literaturas de las Américas. Venecia, de próxima distribución.

geografía humana que marcará su devenir en torno a diversas formas de colonización y de esclavitud, que se extienden hasta hoy bajo formas diferentes, llevado a cabo por España y Portugal, pero también por diversos países: Holanda, Inglaterra, Francia, en distintos momentos y con diferentes resultados". Para além de seu aspecto natural, "ese espacio de 12.000 años de antigüedad, según se calcula hoy, poblado por 33.000.000 de personas", considerado no que ela denomina sua "geografía humana".

Em 2022, o PPGL, pela segunda vez consecutiva, obteve a avaliação mais alta da CAPES, atingindo a nota sete e marcando sua trajetória e história entre os Programas de Letras do Brasil. Esse resultado é decorrente dos muitos anos de pesquisa que ali se desenvolvem, sobretudo na área da história da literatura. Comemorar o resultado dessa avaliação através de uma coletânea de artigos críticos sobre temas atuais e reflexões contemporâneas, compartilhando com professores, pesquisadores e alunos de diferentes níveis resultados de investigações que se processam em diferentes espaços da América Latina, nos pareceu a forma mais coerente e adequada de celebrar o feito. Afinal, a pesquisa que se faz no âmbito da Universidade só tem sentido quando é divulgada e socializada entre os pares. Esse é um compromisso que o PPGL sempre honrou. Portanto, reúnem-se no livro em questão vozes diversas, temas variados e abordagens inovadoras com vistas a sinalizar para as novas direções em que se movimenta a crítica sobre a literatura latino-americana, nos últimos anos.

**Maria Eunice Moreira**  
**Regina Kohlrausch**